

PERSPECTIVISMO: A EXPERIÊNCIA DE PERCEBER E O APARECER DAS COISAS EM MERLEAU-PONTY¹

Jadismar de Lima Figueiredo²
Jadismar-lima@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como tema o “Perspectivismo em Merleau-Ponty”. O referido trabalho tem como proposta metodológica o referencial bibliográfico. Foram elencados os principais livros do filósofo como *A Fenomenologia da Percepção* e *A Estrutura do Comportamento*. Seu objetivo é mostrar os principais pontos que se destacam na filosofia merleau-pontiana como a questão do corpo, a fenomenologia e, principalmente, o perspectivismo. O texto apresenta um novo conceito de corpo tratado pelo filósofo que é o “corpo vivido” que se lança na experiência do mundo percebendo e dando sentido a ele. O perspectivismo de Merleau-Ponty consiste na maneira de percepção das coisas de acordo com o ângulo do qual o sujeito percebe, tendo em vista que este pode se deslocar e ter uma visão mais abrangente da coisa, no entanto, esta seria apenas uma consideração psicológica e não a verdadeira forma de perceber o mundo. Para o filósofo não é possível identificar como puro uma percepção que se tem de um objeto, pois o sujeito que percebe não pode garantir que o que está sendo visto pode ser percebido na mesma proporção por outrem.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia. Perspectivismo. Sujeito.

ABSTRACT

This article has been themed "Perspectivism in Merleau-Ponty". That work is a methodological proposal bibliographic references. The main books of the philosopher as *The Phenomenology of Perception* and *The Structure of Behavior* were listed. Your goal is to show the main points that stand out in Merleau-Pontian philosophy as the question of the body, phenomenology and especially perspectivism. The paper presents a new concept of the body treated by philosopher who is the "lived body" that launches on the experience of perceiving the world and making sense of it. Perspectivism Merleau-Ponty is the way of perceiving things according to the angle from which the subject perceives, given that it can move and take a broader view of things, however, this would only be a psychological account and not the true way of perceiving the world. For the philosopher is not possible to identify how pure a perception that one has of an object, because the perceiver can not guarantee that what is being seen may be perceived by others in the same proportion.

KEYWORDS : Phenomenology . Perspectivism . Subject .

¹ Artigo sobre Merleau-Ponty que pretende mostrar a experiência do corpo próprio de perceber a realidade das coisas, sobretudo, do mundo que está ao seu redor. Através do perspectivismo o sujeito descreve todas as coisas dando sentido ao mundo percebido.

² Mestrando em filosofia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Introdução

A história da filosofia aborda um conjunto de saberes que contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico do homem, sobretudo, na idade contemporânea na qual a profundidade do conhecimento humano estendeu-se aos mais diversos campos de investigação, quer sejam filosófico, religioso ou científico. Este período contemporâneo parece ser o mais complexo e o mais difícil de definir, talvez por ser o mais próximo de nós com uma vasta gama de questionamentos

Este trabalho objetiva tratar sobre as reflexões do filósofo Merleau-Ponty, especificamente, no que tange à questão perspectivista. O filósofo enfatiza as formas de percepção as quais dão um embasamento maior na maneira de como as coisas são compreendidas e não apenas como são apresentadas ao mundo. Ele procura mostrar que elas não estão sozinhas, estão ligadas entre si na relação homem mundo.

A reflexões acerca da filosofia de Merleau-Ponty que se apresentam a seguir consiste em interpretar a consciência como algo que possui liberdade absoluta, ou seja, é capaz de pensar as coisas do mundo por si só. Nesta filosofia perspectivista, o homem não é produto do meio e para o conhecimento torna-se necessário um sujeito pensante. A sensibilidade não é capaz de alcançar o verdadeiro sentido das coisas sendo necessárias investigações mais profundas a respeito dos fenômenos presentes no mundo. Com isso, abordamos o perspectivismo como forma de perceber as coisas por ângulos e formas diferentes. A percepção do sujeito faz existir um conjunto de formas perceptivas que estariam correlacionados entre si, os órgãos sensíveis ao se deslocarem provocariam respostas conforme a expectativa do sujeito. Contudo, é necessário considerar que a consciência alcançaria apenas um ambiente e não poderia se estender de forma alguma além daquilo que estar sendo visto, ou seja, só há compreensão daquilo que se vê e não daquilo que poderá ser visto.

Desenvolvimento

O problema da percepção é o ponto central da filosofia de Merleau-Ponty. Esse questionamento impulsiona o ser humano a interrogar a sua presença no mundo, considerando que a experiência de perceber sempre conduz o sujeito que percebe para o conhecimento de

algo, o que também podemos chamar de coisa. Por coisa, podemos compreender aquilo que é apresentado de forma imediata à experiência perceptiva, a qual, segundo o filósofo, só pode ser autêntica nas ações exercidas pelo mundo exterior sobre um sujeito que percebe, pois o mundo só tem sentido porque existe um sujeito que o percebe.

Baseando-se no método fenomenológico da *epoché*³, Merleau-Ponty procura suspender a existência do mundo como realidade em si sugerindo desta forma voltar às coisas mesmas, tendo em vista que a redução fenomenológica para o filósofo acontece apenas na parte percebida pelo sujeito. Esse voltar às coisas mesmas consiste num processo descritivo em que se pretende restabelecer o sentido próprio do ser no mundo percebido.

A experiência perceptiva se torna fundamental para o perspectivismo merleau-pontiano, pois a apreensão das coisas, a princípio, só pode consistir verdadeiramente naquilo que se quer chegar através da experiência. O filósofo exemplifica dizendo que, ao caminhar no interior de um apartamento, as coisas não seriam apresentadas como constituintes de uma mesma coisa se não houvesse antes um entendimento de que aquilo pertence ao apartamento. No entanto, caso seja possível percebê-lo de uma forma externa, ou através do pensamento ou até mesmo desenhá-lo em um papel, poderia ter uma visão mais ampla. Esse mesmo objeto poderia ser vista por outrem em uma perspectiva diferente. Ao analisar um cubo do ponto de vista do corpo, não é possível perceber os seis lados iguais. À medida que há um deslocamento em torno do cubo, tem-se uma visão diferenciada, ou seja, o cubo vai ganhando uma forma diferente visto pelo sujeito, enquanto os outros lados vão adquirindo uma estrutura diferente. No entanto, o desdobrar-se desta questão se dá no momento de pensar o cubo de seis faces iguais e simultâneas que se dá através da razão. Caminhando ao redor do cubo, é possível motivar o juízo “eis um cubo”, pois ao realizar o movimento em torno dele é que o sujeito pode descrevê-lo. Assim, “[...] é pensando meu próprio corpo como um objeto móvel que posso decifrar a aparência perceptiva e construir o cubo verdadeiro” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 274). O filósofo ainda acrescenta que “[...] a experiência do movimento próprio seria apenas uma circunstância psicológica da percepção e não contribuiria para determinar o sentido do objeto” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 274), pois, para Merleau-Ponty, a percepção só pode ser efetiva quando o sujeito o faz de um só ângulo, ele não pode perceber de dois ângulos diferentes, porque a percepção anterior deixou de ser, é passado. Desta forma, o objeto percebido e o corpo que percebe constituiriam um sistema da qual

³ É a forma de alcançar o verdadeiro sentido das coisas, buscando sua compreensão esmiuçadamente. É uma “atitude desvinculada de qualquer interesse natural ou psicológico na existência das coisas do mundo ou do próprio mundo na sua totalidade” (ABBAGNANO, 2007, p. 339).

teriam “relações mútuas objetivas”⁴ e não um sistema de correspondências vividas. A análise reflexiva modifica a existência absoluta do objeto representado pela consciência de um sujeito e querendo se deslocar em torno do objeto, pensando-o sem ponto de vista a análise destrói sua estrutura interna. A fenomenologia aqui não é entendida como um retorno à metafísica, mas a preocupação de se chegar ao conhecimento das coisas. Ao perceber os lados do cubo, não se pode ter a idéia geral que dá razão às perspectivas, mas ele se encontra diante do sujeito e dar-se a conhecer através do próprio corpo perceptivo.

Segundo Merleau-Ponty, o pensamento objetivo ignora o sujeito da percepção, pois ele se dá ao mundo completamente pronto como forma de um episódio possível e coloca a percepção como um desses fatos, ou seja, é possível apreender um objeto pela perspectiva em que o sujeito o observa, essa seria uma possibilidade de ser da coisa criada pela consciência do sujeito que percebe, no entanto, o verdadeiro objeto continua tendo suas verdades implícitas em relação ao sujeito, no sentido de que o objeto percebido só ganha sentido a partir de quem o percebe, porém, dependendo de quem o percebe e como o percebe ele ganha outro sentido, portanto, há uma verdade que poderá ser conhecido do objeto que o sujeito não capaz de apreender. “Existem sensações que são estados ou maneiras de ser do sujeito e que, a esse título, são verdadeiras coisas mentais” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 279). O sujeito que percebe é quem acomoda a ideia de coisa criada por ele mesmo. A percepção “não se apresenta como um acontecimento no mundo ao qual se possa aplicar, por exemplo, a categoria de causalidade, mas a cada momento como uma re-criação ou uma re-constituição do mundo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 279). O sistema da experiência encontra-se, de certa forma, subordinado por um pensador universal⁵, pois o mundo torna-se assim um correlativo de si mesmo apenas para um constituinte, ou seja, o sujeito que percebe o espaço que está inserido, considerando que o próprio intelectualismo pondera uma realidade inteiramente pronta. Mas como este sujeito não se encontra envolvido no sistema volta à questão empirista da causalidade no plano de acontecimento do mundo. Desta forma, a possibilidade de compreensão deste se dá, para Merleau-Ponty, da seguinte maneira:

Nós só compreenderemos se o eu empírico e o corpo não forem imediatamente objetos, nunca se tornarem totalmente objetos, se houver um certo sentido em dizer que vejo o pedaço de cera com meus olhos e se, correlativamente, esta possibilidade de ausência, esta dimensão de fuga e de liberdade que a reflexão abre no fundo de

⁴ “Relações mútuas objetivas” é compreendido pela diferença entre sujeito vivo que dá sentido e objeto que só ganha sentido através do sujeito que percebe. O sujeito compreende o vê e não o que o objeto é em sua inteireza.

⁵ O pensador universal é aquele responsável por produzir relações entre o mundo, o corpo próprio e o eu empírico. Contudo, ele não está envolvido neste sistema, tudo volta a ser como era para os empiristas, pois o pensador apenas percebe as coisas.

nós e que chamam de Eu transcendental em primeiro lugar não forem dadas e nunca forem absolutamente adquiridas, se nunca puder dizer “Eu” absolutamente, e se todo ato de reflexão, toda tomada de posição voluntária se estabelecerem sobre o fundo e sobre a proposição de uma vida de consciência pré-pessoal. (MERLEAU-PONTY, 2011, P. 281)

A relação perceptiva, conforme Merleau-Ponty, entre sujeito e a realidade natural das coisas, não acontece como uma relação epistemológica entre consciência e objetos, mas se dá como um contato expressivo e temporal que está presente neste e no corpo. Desviando-se na questão intelectualista e empirista, que consideram respectivamente a existência autêntica real dos objetos e a percepção que o sujeito tem destes, é possível considerar que “[...] a atividade por meio da qual temos acesso ao mundo não é uma operação de uma abertura do corpo, cuja unidade é *contemporânea* à unidade do objeto, ambas articuladas em mesmo movimento [...]” (MOURA, 2010, p. 75).

Segundo Merleau-Ponty, o sujeito que percebe ficará ignorado até saber evitar a alternância entre o naturante⁶ e o naturado⁷, ou seja, entre a sensação, como estado de consciência, e a existência em si e a existência para si daquele que percebe. Colocando em questão esta alternância, a qual rejeitava os sentidos no mundo das coisas e buscava a subjetividade inerente do corpo, podemos perceber que, por exemplo, a sensação de azul não pode ser o conhecimento identificável através das experiências que se tem dele. Desta forma, é possível afirmar que esta experiência é intencional, pois não está parada em si mesma, mas significa algo para além de si mesma, ou seja, o conhecimento adquirido pelo sujeito de um objeto, não é absolutamente completo, pois de outra forma o objeto pode expressar outro significado, estando além do que se percebe.

A sensação é intencional porque encontro no sensível a proposição de um certo ritmo de existência – abdução ou adução – e porque, dando sequência a essa proposição, introduzo-me na forma de existência a essa proposição, introduzo-me na forma de existência que assim me é sugerida, reporto-me a um ser exterior, seja para abrir-me seja para fechar-me a ele (MERLEAU-PONTY, 2011, P. 288).

O sujeito que sente e o objeto sensível, para Merleau-Ponty não estão em contato, um diante do outro, a sensação não pode ser compreendida como uma invasão do sensível no sujeito que percebe. “[...] Meu olhar acopla-se à cor, minha mão acopla-se ao duro e ao mole,

⁶ O conceito de naturante se apresenta como a forma em que um determinado sujeito percebe a existência de um objeto, ou seja, através da consciência perceptiva é possível identificar a consciência de um estado de coisas.

⁷ O naturado consiste na própria existência de um objeto, ou seja, a forma como o objeto é e se apresenta a um sujeito que percebe.

e nessa troca entre o sujeito da sensação e o sensível não se pode dizer que um aja e que o outro padeça, que um dê sentido ao outro” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 288).

Pode-se distinguir a consciência sensível da consciência intelectual de duas formas:

1º) Considerando que “toda percepção acontece em uma atmosfera de generalidade e se dá a nós como anônima” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 290). É possível perceber o azul, porque somos sensíveis às cores, ou seja, os atos pessoais criam situações, pois para ser algo, é preciso querer ser, por exemplo, para ser estudante de filosofia, é preciso decidir querer ser. Desta forma, a sensação não ocorreria se não houvesse uma adaptação do corpo. Assim, o sujeito não é possível ter consciência para se considerar o verdadeiro sujeito das próprias sensações, assim o sujeito não tem mais consciência de ser o verdadeiro sujeito de sua própria percepção, em pensar seu nascimento e sua morte, pois seria um ser preexistente e sobrevivente a si mesmo para experimentá-los, caso se pensasse desta forma, ou seja, o sujeito não pode perceber determinadas experiências em seu próprio corpo, como é o caso do nascimento e da morte, ele sabe que existe, mas não tem consciência de experimentá-los, portanto, pode-se dizer que ele não é consciente de sua própria existência. É possível considerar que existe um sujeito o qual sente antes de nós, pois conseguimos pensar na vida e na morte, mas não podemos pensar no nosso nascimento ou na nossa morte como algo individual. A sensibilidade aqui é oriunda de uma experiência que precede ao sujeito e de outrem que sobrevirá a ela. Ao experimentar uma sensação, podemos perceber que ela não é originária nossa, pois há uma espessura entre minha sensação e mim como um saber originário que não permite nossa experiência de ser cognoscível a nós mesmos, ou seja, a veracidade da coisa ou o seu verdadeiro sentido pode ser entendido como esse saber originário, do qual faz parte dela e o sujeito, mesmo sendo capaz de percebê-la, não consegue conhecê-la por completo. “Experimento a sensação como modalidade de uma existência geral, já consagrada a um mundo físico, e que crepita através de mim sem que eu seja seu autor” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 291).

2º) “Aquele que vê e aquele que toca não é exatamente o sujeito, porque o mundo visível e o mundo tangível não são o mundo por inteiro” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 291). Merleau-Ponty considera que sempre existe algo para além do que atualmente se vê, não apenas coisas sensíveis, mas também coisas que não podem ser vistas pelos sentidos e entendidas não como um retorno à metafísica, mas a possibilidade de reflexão que é feita pelo sujeito, quando este percebe, tendo em vista que não é possível ter uma apreensão por completo da coisa, deixando claro apenas o que se vê e não a vê como é verdadeiramente. Desta forma, não é possível estar totalmente presente nas operações de perceber as coisas, ou

seja, o sujeito não consegue assimilá-las como se mostra, os objetos sempre aparecem como algo adiante de mim, um lado que não é mostrado ao sujeito.

Dizer que tenho um campo visual é dizer que, por ocasião, tenho acesso e abertura a um sistema de seres, os seres visuais, que eles estão a disposição de meu olhar em virtude de uma espécie de contrato primordial e por um dom da natureza, sem nenhum esforço de minha parte; é dizer, portanto, que a visão é pré-pessoal; e é dizer ao mesmo tempo, que ela é sempre limitada, que existe sempre em torno de minha visão atual um horizonte de coisas não-vistas ou mesmo não-visíveis. A visão é um pensamento sujeito a um certo campo e é isso que chamamos de um sentido (MERLEAU-PONTY, 2011, P. 292).

De acordo com Merleau-Ponty, quando o sujeito compreende que tem sentidos e estes o conduz a acessibilidade do mundo não é possível misturar os conceitos de pensamento causal e reflexão, considerando o primeiro como: o modo que o sujeito dá um sentido à coisa, ou seja, ele compreende aquilo que percebe de forma particular, dando ao objetos um sentido de originalidade que a partir da percepção passa a existir para o sujeito que percebe; e o segundo, a reflexão é entendida como fundamento das coisas da vida, sejam práticas e teóricas, segundo o filósofo “é a reflexão carnal, a reversibilidade da mão palpante e da mão palpada: ‘toda reflexão tem por modelo aquela da mão palpante pela mão palpada [...], a reflexão não é identificação a si (pensamento de ver ou de sentir), é não diferença consigo = identificação silenciosa ou cega’” (DUPOND, 2010, p. 64).

Merleau-Ponty compreende os sentidos como o meio pelo qual o sujeito conhece as coisas externas a ele. “A experiência sensorial é instável e é estranha à percepção natural que se faz com todo o nosso corpo ao mesmo tempo e abre-se a um mundo intersensorial” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 304). Enquanto ao intelecto é uma forma de compreender os fatos sensíveis os quais dizem respeito às coisas que podem se apresentar de forma diferente. Feita esta distinção entre os sentidos e o intelecto, o filósofo diferencia uma matéria necessária e uma contingente, considerando que a matéria é apenas um momento ideal e não algo que está separado da totalidade. Nesse entendimento, é possível afirmar que os sentidos simplesmente não existem somente a consciência.

[...] O intelectualismo recusa-se a colocar o famoso problema da contribuição dos sentidos na experiência do espaço, porque as qualidades sensíveis e os sentidos, enquanto materiais do conhecimento, não podem possuir como propriedade o espaço que é a forma da objetividade em geral e, em particular, o meio pelo qual uma consciência de qualidade se torna possível (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 293).

Para Merleau-Ponty, determinada sensação, caso não fosse uma sensação de alguma coisa, ela simplesmente não existiria, passando a ser um “nada de sensação”. Desta forma,

pode-se dizer que os sentidos devem estar relacionados a um espaço de tempo, se assim os fazem ter acesso a qualquer forma de ser, ou seja, se são sentidos. É necessário que eles se abram no mesmo espaço, pois eles necessitam do ser para se comunicarem. Assim, os sentidos só poderão existir se considerarmos a existência de uma consciência que pense a realidade que está sendo vista.

Considerando que, segundo Merleau-Ponty, as coisas têm o poder de se mostrar através da expressão do seu aparecer, ou seja, aquelas que vemos se tornam visíveis. A ação de se mostrar não exclusivamente para os homens e os animais em sua especificidade, mas nas formas de aparências que estão presentes no mundo percebido. “[...] o sentido de mundo percebido, percorrido pelo nosso olhar, é sempre compreendido como a estruturação de um campo perceptivo sob a forma de paisagens” (CAMINHA, 2010, p. 201). Ao se colocar diante do mundo através da visão, vemos apenas paisagens nas quais aquilo que é percebido estabelece a forma do seu aparecer. A percepção acontece primeiramente pela paisagem, a qual é o caminho pelo qual o sujeito percorre para perceber as coisas específicas que se encontram no mundo, considerando que estas não podem ser vistas de formas distintas, pois nesse sentido, as coisas são espelhos dos outros, em decorrência de estarem todas presentes no mundo percebido.

A visibilidade, a partir da paisagem de um ser percebido, não pode ser uma constituição de sua identidade como ser particular, pois mesmo querendo apreender um único objeto especificamente, nunca deixaríamos de perceber um espaço da paisagem na qual o objeto está inserido. Esse espaço ou fragmento pode ser uma paisagem que obstrui a percepção da realidade da coisa que se quer ver de forma isolada. “[...] a paisagem é uma espécie de impulso vivo’ que alimenta o aparecer das coisas percebidas” (CAMINHA, 2010, p. 202). Contudo, segundo Caminha, “não podemos objetivar a percepção da paisagem se queremos compreendê-la como a estrutura que gere dinamicamente toda forma percebida” (2010, p. 202). A ideia de paisagem não deve ser vista através de nossa percepção de mundo como um conjunto de coisas as quais têm existência independente que são dadas a experiência de perceber. O intuito de tentar compreender o campo perceptivo manifestado a partir da paisagem não implica em considerá-la como parte totalizante do mundo real, mas como uma região particular que representa uma parte no todo.

As coisas, conforme Merleau-Ponty, consistem naquilo que são percebidas pelo sujeito e não como são constituídas. Através da experiência perceptiva podemos dizer ao ver uma cadeia de rochas que vemos essa cadeia, porque temos a presença de uma aparência que está visível através dos nossos olhos. Desta forma, podemos considerar que uma coisa é visível

quando algo percebido torna “visível”, evidentemente que o sentido da coisa seja construído pelos nossos olhos; algo que não seria possível através de outros meios, como análise verbal, por exemplo. De acordo com a perspectiva de Merleau-Ponty, nosso olhar está sempre condenado a ser no mundo, assim “compreenderemos que o sujeito que percebe não vê diretamente essa cadeia, já que ela se faz visível a ele apenas através da paisagem onde está situada (CAMINHA, 2010, p. 207).

O sentir e o espaço das coisas

Segundo Merleau-Ponty, não é possível identificar como pura uma percepção que se tem de um objeto, pois o sujeito que percebe não pode garantir que o objeto perceptível possa ser percebido na mesma proporção por outrem. A cor vermelha, por exemplo, constatável em um determinado objeto é e sempre permanecerá conhecida apenas por quem o percebe. Não tem nenhum meio de saber que outro sujeito terá a mesma impressão. As confrontações intersubjetivas se referem às estruturas inteligíveis do mundo percebido. Assim é possível afirmar que se pode ter certeza de que outro espectador utilize das mesmas formas verbais para explicar a cor de um determinado objeto, mas pode ser que determinadas formas de cores em tudo sejam diferentes das vistas por outro sujeito. Desta forma, “a percepção, como conhecimento das coisas existentes, é uma consciência individual e não a consciência em geral da qual falávamos” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 327). A matéria da percepção não é a única a se descolar da coisa para tornar-se um conteúdo da percepção individual do sujeito. A forma faz parte do indivíduo psicológico⁸, ou atribui a ele certa referência que está incluída em seu próprio sentido, considerando que é a forma de determinada coisa a qual se apresenta ao sujeito que percebe e não a coisa em si. O fato de estar diante de um determinado objeto, não implica dizer que o conhecimento acontece, pois aquilo o qual vemos pode nos enganar ou não ser do modo como imaginamos ser. Assim, Merleau-Ponty vem dizer que “conhecer é, pois sempre apreender um dado em certa função, sob certo aspecto, ‘enquanto’ ele me significou ou me apresenta alguma estrutura” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 306). Evidenciando essa questão, Merleau-Ponty faz análise de dois sujeitos um ao lado do outro que observam certo cubo de madeira. Os cubos são os mesmos, mas os sujeitos que percebem não conseguem vê-los na mesma proporção, pois não são os mesmos lados que estão diante

⁸ O indivíduo psicológico é o sujeito que não consegue ter uma visualização completa do objeto, contudo, apesar de poder deslocar-se do lugar onde percebe fazendo uma volta ao redor do objeto, ele não consegue apreendê-lo por completo, apenas faz uma descrição da coisa ou uma forma psicológica de compreendê-lo.

de si. “[...] esse ‘perspectivismo’ da percepção não é um fato indiferente, já que sem ele os dois sujeitos não teriam consciência de perceber um cubo existindo e subsistindo para além dos conteúdos sensíveis” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 328). Se fosse possível conhecer todos os lados do cubo, o sujeito não estaria lidando com uma coisa a qual está sendo oferecida aos poucos para inspeção, mas com uma ideia presente que verdadeiramente estaria presente ao espírito. Os objetos, mesmo que não estejam no círculo dos percebidos, não deixam de ter a sua verdade; sua existência é a necessidade lógica e não a realidade, ou seja, a necessidade de fazer uma descrição sobre eles não implica na verdadeira compreensão, pois os objetos possuem uma verdade intrínseca em relação ao sujeito percebido, ou seja, o verdadeiro significado de um objeto pode não ser conhecido por um sujeito que percebe, no entanto, seu significado não deixa de existir, pois o que o sujeito não vê estar presente mesmo sem ser percebido. É a verdade do objeto que não pode deixar de ser verdadeira por não ser pensada. No entanto, quando não se percebe, considera-se um perspectivismo em ideia e de uma essência do espectador por seus significados. Estes pertencem aos seus significados e não a existência. “Para que haja percepção, isto é, apreensão de uma existência, é absolutamente necessário que o objeto não se ofereça inteiramente ao olhar que nele pousa e que reserve aspectos visados na percepção presente, mas não possuídos” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 329).

Para Merleau-Ponty, tratar sobre o corpo próprio, ou seja, o sujeito que está no mundo e é capaz de perceber as coisas, é dizer que ele é objeto que se constitui e ao mesmo tempo constituinte comparado a outros objetos. Para isso, é necessário que o sujeito se coloque diante daquilo que se mostra, ou seja, daquilo que é constituído, considerando que ele ou está no meio do mundo, inserindo através do corpo pelas relações de causalidade, e assim os sentidos não podem conhecer nada, ou, o objeto percebido forma assim, uma imagem a qual se desdobra no aparelho ótico, formando outra imagem; nesse sentido, pode-se considerar que existem apenas coisas existentes para serem vistas, mas não há ninguém para vê, pois é apenas uma forma de perceber as coisas através do corpo, mas que nunca se chegará à visão. No entanto, conforme Merleau-Ponty, compreender que existe visão é deixar o constituído, ou seja, daquilo que é em si mesmo, ponderando um ser capaz de perceber as coisas.

Ora, para que o objeto possa existir em relação ao sujeito, não basta que este “sujeito” o envolva com o olhar ou o apreenda assim como minha mão apreende este pedaço de madeira, é preciso ainda que ele saiba que o apreende ou olhar, que ele se conheça apreendendo ou olhando, que seu ato seja inteiramente dado a si mesmo e que, enfim, este sujeito seja somente aquilo que ele tem consciência de ser, sem o que nós teríamos uma apreensão do objeto ou um olhar o objeto para um terceiro

testemunho, mas o pretenso sujeito, por não ter consciência de si, se dispensaria em seu ato e não teria consciência de nada (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 318).

Nesse entendimento, sempre faltará aos sentidos à capacidade de poder conhecer as coisas por completo, com frequência, estará presente a dimensão de ausência, na qual o sujeito não será sabedor de si mesmo, não podendo conhecer as coisas de modo integral e assim os objetos não existindo para ele. A consciência do objeto está de antemão para a consciência de si, pois, “[...] se existe consciência de algo, é porque o sujeito não é absolutamente nada, e as ‘sensações’, a ‘matéria’ do conhecimento, não são momentos ou habitantes da consciência, elas estão do lado do constituído” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 319).

A experiência da profundidade, de acordo com as concepções clássicas, para Merleau-Ponty, baseia-se na compreensão de fatos dados ou mesmo de signos, os quais são a grandeza de determinada imagem ou a tendência dos olhos que os colocam no contexto de relações objetivas que os explicam. Se o sujeito pode elevar-se a significação desses fatos é porque existe um universo de coisas inacabadas nas quais o sujeito se coloca diante deles, proporcionalmente a distância que os separa um do outro. É como a imagem de homem no espelho, o sujeito só pode percebê-lo à medida de espaço que existe entre ambos. A compreensão da convergência⁹ entre os signos da distância acontece sob a condição de representação dos olhares. Assim, os signos só podem introduzir o sujeito na significação do espaço que já são apreendidos por ele e se esse já for conhecido também, os signos não introduzem o sujeito na experiência do espaço. “Visto que a percepção é a iniciação ao mundo e que, como se disse com profundidade, ‘antes dela não há nada que seja espírito’, não podemos colocar nela relações objetivas que em seu nível ainda não estão constituídas” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 346).

A *psicologia da forma*¹⁰, segundo Merleau-Ponty, conclui que as convergências não são conhecidas pela percepção. Não é possível ter consciência da convergência dos olhos ou da grandeza aparente, quando se percebe a distância; elas não se encontram diante do sujeito como algo percebido, intervindo na percepção distanciada. Quando os psicólogos reconhecem que não há grandezas presentes na percepção, enquanto fatos objetivos, eles enfatizam a descrição para dos fenômenos fora do mundo objetivo. Com isso, é preciso considerar ou essa

⁹ Convergência, para Merleau-Ponty, se dá na fixação de pontos diferenciados em relação a um objeto, ou seja, a distanciado sujeito para o objeto influencia em sua percepção e em sua compreensão.

¹⁰ A psicologia da forma consiste na compreensão de um objeto que não pode ser compreendido completamente pelo sujeito, necessitando assim de explicações psicológicas, ou seja, das formas criadas através do movimento que o sujeito faz ao redor do objeto.

visão psicológica, descartando a experiência e considera a percepção como próprio meio do mundo da ciência ou atrever para ciência como acesso ao ser. A experiência, nesse sentido, é introduzida como ponto importante, pois ela apreenderia o objeto conduzindo para a estrutura funcional do cérebro, enquanto seria necessário que o sujeito tivesse consciência desta percepção.

Ter experiência de uma estrutura não é recebê-la em si passivamente: é vivê-la, retomá-la, assumi-la, reencontrar seu sentido imanente. Portanto, uma experiência nunca pode ser correlacionada a certas condições de fato como à sua causa e, se se produz a consciência de distância para tal valor da convergência e para tal grandeza da imagem retiniana, ela só pode depender desses fatores o tanto quanto eles figuram nela (MERLEAU-PONTY, 2011, p.348).

O problema da consciência perceptiva

A consciência perceptiva, de conformidade com Merleau-Ponty, é a capacidade do ser humano de conhecer os objetos que estão diante de si. O sentido verdadeiro das coisas visto pelo sujeito não é como os objetos se mostram, mas como o sujeito os percebem. O filósofo exemplifica essa questão com a observação de uma escrivaninha, da qual não se aparece ao sujeito através de uma consciência imediata, ou seja, através de uma visão do senso comum, mas como uma imagem vista pelo sujeito, considerando a forma como este a percebe e não como a escrivaninha se mostra. A apreensão desta mesa não seria completa; ela só mostra alguns aspectos, seja cor, forma ou tamanho. Essa forma não é um desvio do que seja realmente a coisa, mas uma propriedade notada pelo sujeito.

A perspectiva não me aparece como uma deformação subjetiva das coisas, mas ao contrário como uma de suas propriedades, talvez sua propriedade essencial. É essa perspectiva que faz que o percebido possua nele mesmo uma riqueza oculta e inesgotável, que ele seja uma “coisa” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 288).

Em consonância com Merleau-Ponty, a coisa percebida é apreendida como algo que possuindo um interior, o sujeito nunca conseguiria explorá-lo por completo; apenas conseguirá ver um aspecto desta que pode ser possível, a própria coisa transcendente. Essa transcendência é compreendida como o conhecimento de um objeto, da qual não é possível conhecer por completo; esta parte, imperceptível ao sujeito, é a transcendência do objeto em relação ao sujeito. O sujeito que percebe não é um “microcosmo” para o qual chegariam até ele informações do mundo exterior, mas é a partir dele que é possível captar imagens e, daí, produzir informações sobre as coisas percebidas. Para a compreensão dos objetos, não é

necessário um deslocamento, ou seja, que o sujeito saia de si para, no campo fenomenológico, eclodir uma intenção de comportamentos significativos.

Podemos dizer, se quisermos, que a relação da coisa percebida com a percepção ou da intenção com os gestos que a realizam é, na consciência ingênua, uma relação mágica: mas faltaria ainda entender a consciência mágica como ela própria se entende – não reconstituí-la com base nas categorias ulteriores: o sujeito não vive num mundo de estados de consciência ou de representações a partir do qual acreditaria poder, por uma espécie de milagre, agir sobre coisas exteriores ou conhecê-las. Vive num universo de experiência, num meio neutro relativamente às distinções substanciais entre o organismo, o pensamento e a extensão, num comércio direto com os seres, as coisas e seu próprio corpo (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 292-293).

Para Merleau-Ponty, o corpo fenomênico através das ações humanas as quais favoreciam a distinção deste com a consciência passa a ser aparência, a realidade das coisas seriam como o interior de um organismo constituído por órgãos nos quais o sujeito percebe através do seu corpo, assim, o corpo pode considerar uma pseudopercepção, ou seja, o corpo é o intermediário entre o objeto e a percepção. Com isso, pode-se dizer que as coisas não são posses da percepção, “deve ser um acontecimento interior ao corpo e que resulte da ação dessas coisas sobre ele” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 294). Há um desdobramento a respeito do mundo, podendo considerar a sua existência exterior, ou seja, o mundo das coisas como elas são e se mostram e também o mundo interior o qual pode ser compreendido como a realidade das percepções, ou seja, das coisas não como são em si mesmas, mas da forma como o sujeito percebe. O filósofo tenta manter entre o percebido e a coisa real certo tipo de identidade específica, ou seja, ele tenta captar das coisas, realidades que são distintas, diferentes sujeitos podem percebê-lo de diferentes formas. Assim, pode-se dizer que “[...] a percepção é entendida como uma imitação ou um desdobramento das coisas sensíveis em nós, ou como a atualização na alma de alguma coisa que estava em potência num sensível exterior” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 295).

Considerando Merleau-Ponty, é preciso construir esquemas fisiológicos que conduzam o sujeito para o entendimento de que as impressões sensoriais se organizem do cérebro para adequar as ocasiões das possíveis percepções.

Como percebemos apenas um objeto, apesar das duas imagens que este forma em nossas retinas, apenas um espaço no qual se distribuem os dados dos diferentes sentidos, teremos que imaginar uma operação corporal que componha esses elementos múltiplos entre eles e dê à alma a ocasião de formar uma única percepção. Assim, a substância das causas exemplares pelas causas ocasionais não suprime a necessidade de colocar no cérebro alguma representação fisiológica do objeto

percebido. Essa necessidade é inerente à atitude realista em geral (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 279).

Tanto os cientistas como os psicólogos, como afirma Merleau-Ponty, consideram que a percepção e seus próprios objetos são fenômenos “psíquicos” ou “interiores”, ou seja, os fenômenos consistem naquilo visto pelo sujeito e interpreta não como um determinado objeto o qual se apresenta, mas como ele é percebido. Para o filósofo, não é possível identificar de forma pura o que se percebe e a própria coisa em si mesma; exemplificando esta questão, Merleau-Ponty diz que ao observarmos a cor vermelha de um determinado objeto, esta permanecerá conhecida apenas por um sujeito que percebe de forma individual. Não é possível saber se a cor vista por outrem é a mesma que o outro sujeito viu; mesmo que este veja a cor vermelha, não se sabe se esta cor não possa ter sofrido alterações em relação à percepção dos sujeitos. Esta reflexão se refere à possibilidade do conhecer do mundo, pois se pode considerar que a percepção de um determinado objeto varia de sujeito para sujeito, contudo, a forma de explicar este mesmo objeto pode ser o mesmo. “[...] posso ter certeza de que outro espectador emprega a mesma palavra que eu para designar a cor desse objeto, e a mesma palavra, por outro lado, para qualificar uma série de outros objetos que eu também chamo de objetos vermelhos” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 327). A percepção dos objetos existentes pode ser conceituada como a consciência que um sujeito individual tem sobre objeto e não a consciência geral da coisa.

Considerando dois sujeitos observando uma casa, um ao lado do outro, pode-se imaginar, a princípio, ambos estarem vendo em proporções iguais a mesma coisa, porém nada garante o fato de a percepção de um ser necessariamente a do outro, pois os lados da casa variam em relação aos sujeitos, tendo em vista que estes não conseguiriam terem a mesma percepção da mesma.

Pode-se dizer, segundo Merleau-Ponty, que o fenômeno do corpo é diferente dos significados lógicos. O corpo não tem uma visão ilimitada das coisas; contudo, se o sujeito, ao tratar das coisas de modo exterior, se desloca do lugar onde está pode ter uma compreensão mais ampla da coisa, percebendo os lados que estão obscuros. Ocupando o lugar de outro sujeito é possível ter uma visão perspectivista diferente em relação ao objeto.

Dizer que tenho um corpo é simplesmente uma outra maneira de dizer que meu conhecimento é uma dialética individual na qual aparecem objetos intersubjetivos, que esses objetos, quando lhe são dados no modo de existência atual, apresenta-se a ela por aspectos sucessivos que não podem coexistir, e que, por fim, um deles se oferece obstinadamente “do mesmo lado”, sem que eu possa girar em torno dele. Excetuando-se a imagem que me dão os espelhos [...], meu corpo tal como me é

dados pela vista é truncado na altura dos ombros e termina com um objeto tátil-muscular (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 330-331).

Segundo Merleau-Ponty, o sujeito não pode considerar um objeto efetivo como a soma de suas perspectivas, a coisa para ele é aquilo que está sendo visto e não o que está escondido e pode ser mostrado. No entanto, como o sujeito pode se locomover, ele pode ter uma visão mais ampla da coisa fazendo uma descrição sobre ela; no entanto, a realidade da coisa para o sujeito é somente o que é percebido e não o sentido verdadeiro da coisa em si. Ao descrever o objeto, é atribuído a ele um significado de acordo com a perspectiva vivida pelo sujeito o qual percebe. A linguagem, a responsável por esta definição, pode ser entendida como a apreensão de certo objeto que é apresentado de forma completa e que vai além dos aspectos que podem ser percebido pelo sujeito

A consciência, no entender de Merleau-Ponty, nem sempre é uma consciência de verdade, ou seja, não se pode deixar de considerar a veracidade de uma coisa, pelo fato de que o sujeito não consegue apreendê-lo por completo, sua verdadeira identidade existe independentemente de qualquer sujeito para percebê-lo. “[...] mesmo ignorado por nós, o verdadeiro significado de nossa vida não deixa de ser sua lei eficaz” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 340). O desconhecimento das coisas acontece quando há um significado não percebido, ou seja, ao invés da predominância da consciência que busca o conhecimento das coisas, prevalece o inconsciente que não é capaz de conhecer, nem perceber a sua realidade. “Não nos reduzimos à consciência ideal que temos de nós, assim como a coisa existente não se reduz ao significado pelo qual a exprimimos” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 340).

Segundo Merleau-Ponty o psiquismo se volta para estrutura do comportamento. Esse princípio se dá a sua visibilidade de fora pra dentro e o sujeito pode ser acessível a outro, como se eles estivessem diante de uma consciência impessoal. Aquilo que se percebe nem sempre é a verdade da coisa; por isso, em algumas situações, o sujeito pode se enganar em relação aos outros; assim como, muitas vezes, se engana consigo mesmo e conhece apenas o que esta em volta do sujeito. O conhecimento do outro se dá pelo diálogo; por isso, que o sujeito não pode ter uma apreensão segura do que vê.

[...] O comportamento do outro exprime uma certa maneira de pensar. E quando esse comportamento se dirige a mim, como acontece no diálogo, e capta meus pensamentos para responder a eles – ou mais simplesmente, quando “objetos culturais” que caem sob o meu olhar se ajustam de repente a meus poderes, despertam minhas intenções e se fazem “entender” por mim-, sou então arrastado para uma *coexistência* da qual não sou o único constituinte e que funda o fenômeno da natureza social, como a experiência perceptiva funda o da natureza física (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 342).

Se considerarmos, segundo o filósofo, a percepção como sendo o ato de poder conhecer a existência das coisas tudo o que está ao nosso redor se reduz ao problema perceptivo; assim, a aprendizagem não se apresenta como a soma de dois movimentos nos quais se encontram determinados estímulos; mas como uma modificação do comportamento em que se exprimem um universo de atitudes na qual o conteúdo pode variar em sua significação constante. Assim, “aprender, nunca é, pois tornar-se capaz de repetir o mesmo gesto, mas de fornecer meios. Tampouco a reação é adquirida com relação a uma situação individual. Trata-se antes de uma nova aptidão para resolver uma série de problemas semelhantes” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 151).

O mundo natural, para Merleau-Ponty é a típica das relações intersensoriais. Tendo sua unidade, o mundo não está ligado como um espírito liga suas facetas entre si e a integra. A unidade de mundo pode ser comparada com a unidade de um indivíduo que é reconhecido previamente, antes de ser apresentado o seu próprio caráter, pois o ser humano conserva o seu próprio modo de ser em todas as situações. O mundo é um ser permanente e através de toda a vida do sujeito ele estar lá, no decorrer de todas as situações vivenciadas por este, o mundo permanece como tal. O mundo está presente desde as primeiras percepções de uma criança, a qual ainda desconhece a sua presença, mas que em determinado momento sua compreensão será preenchida e determinada. É necessário remanejar as certezas e lançar todas as ilusões para fora do ser; no entanto, as coisas em si mesmas são compatíveis, pois desde a origem, o sujeito encontra-se em contato com um ser único. Segundo o filósofo, os sons percebidos só podem ser seguidos por outros sons, por isso eles pertencem ao campo sensorial. A comunicação com o mundo não pode ser rompida, nem mesmo os surdos e mudos de nascença, pois há sempre algo diante dele, que é o ser para decifrar e isso acontece pela primeira experiência sensorial.

Não temos outra maneira de saber o que é o mundo senão retomando essa afirmação que a cada instante se faz em nós, e qualquer definição do mundo seria apenas uma caracterização abstrata que nada nos diria se já não tivéssemos acesso ao definido, se nós não o conhecêssemos pelo único fato de que somos (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 440).

Desta forma, é na experiência com o mundo que nossas operações lógicas de significação fundam-se, e o próprio mundo não deve significar algo comum a todas as nossas experiências. Na acepção de Merleau-Ponty, o sujeito tem consciência de apreensão através da audição e também pela visão; dos quais percebem fenômenos que não precisam necessariamente ser conhecidos de forma individual, podendo ser um espetáculo tanto para o

sujeito como para outrem. É essa a realidade verdadeira para o filósofo; esta que consiste no mundo percebido de forma diferente por sujeitos distintos. É como explica Merleau-Ponty:

O mundo percebido não é apenas *meu* mundo, é nele que vejo desenhar-se as condutas de outrem, elas também o visam e ele é o correlativo, não somente de minha consciência, mas ainda de toda consciência *que eu possa encontrar*. O que vejo com meus próprios olhos esgota para mim as possibilidades da visão. Sem dúvida, só o vejo sob um certo ângulo e admito que um espectador situado de outra maneira perceba aquilo que eu apenas adivinho (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 453).

A percepção do sujeito faz existir um conjunto de formas perceptivas, as quais estariam correlacionados entre si; os órgãos sensíveis ao se deslocarem provocariam respostas conforme a expectativa do sujeito. Contudo, é necessário considerar que a consciência alcançaria apenas um ambiente e não poderia se estender de forma alguma além daquilo que estar sendo visto, ou seja, só há compreensão daquilo que se vê e não daquilo que poderá ser visto, pois o sujeito só pode conhecer uma coisa pelo ângulo que ela se mostra e não pelo que a coisa é em si mesma. O perspectivismo de Merleau-Ponty consiste, dessa forma, na compreensão de uma coisa de acordo com o ângulo do qual o sujeito percebe, tendo em vista que esta pode se deslocar e ter uma visão mais abrangente da coisa; no entanto, esta seria apenas uma consideração psicológica e não a verdadeira forma de perceber o mundo.

Considerações Finais

O perspectivismo na filosofia de Merleau-Ponty é um tema bastante relevante no que tange a experiência do ser humano em conhecer realidades de objetos que estão no mundo e que podem ter diferentes maneiras de ser conceituados. Partimos do pressuposto de que um determinado sujeito, ao lançar juízo sobre determinado objeto que está no mundo diante dele, não tem condições de percebê-lo de forma geral, pois as coisas, aquilo que está no mundo e pode ser percebido, se apresenta ao sujeito, mas este percebe apenas uma parte deste objeto, pois o ângulo em que se encontra o sujeito não permite uma apreensão completa em torno do objeto. Assim, pode-se concluir que o perspectivismo de Merleau-Ponty consiste na experiência perceptível das coisas pelo sujeito e não na existência autêntica das coisas existentes.

O principal problema travado na pesquisa foi justamente o modo de conhecer os objetos apreendidos pelo sujeito, pois pôde se perceber que os conceitos adquiridos através da

percepção não podem ser um conjunto de reflexões oriundas daquilo que se vê, não é possível para Merleau-Ponty manter uma soma de perspectivas como uma percepção efetiva, tendo em vista que o sujeito pode se locomover, dar a volta em torno daquilo que está sendo apreendido, considerando mais de um ângulo do que se vê das coisas. No entanto, concluiu-se que esta não seria, para Merleau-Ponty, a forma correta de conceituar os objetos percebidos, pois o sujeito ao fazer uma volta em torno do objeto jamais poderia considerar este sem o uso de perspectivas (de modo geral), pois o objeto para o sujeito é aquilo que é percebido. Porém, através da locomoção ele pode descrever o objeto, tendo em vista que esta é uma posição psicológica e não fenomenológica.

A percepção fornece ao sujeito modos de compreender as coisas, mas não representa os objetos tal e qual como eles são. Uma questão inquietante ao estudar o perspectivismo merleau-pontiano é que o filósofo, ao tratar dos sentidos, parece enfatizar mais a visão, pois ao considerar a percepção do sujeito pelas coisas ele considera em maior abrangência o ato de ver e em menor proporção o sentir através do tato, olfato ou audição.

A filosofia de Maurice Merleau-Ponty é marcada por uma abordagem fenomenológica, que fundamenta as suas reflexões sobre a relação do homem no mundo. É possível fazer uma relação do perspectivismo do pensador com a tolerância à subjetividade do ser humano no mundo atual, pois se percebe que a sociedade vive um momento no qual as pessoas possuem modos distintos de analisar sua própria realidade, a individualidade do sujeito, ou a sua maneira de perceber o mundo que influencia nas reflexões sobre a realidade.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução Alfredo Bossi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CAMINHA, Iraquitan De Oliveira. *O Distante-próximo e o próximo-distante: Corpo e Percepção na Filosofia de Merleau-Ponty*. João Pessoa: UFPB, 2010.

CHAUÍ, Marilena. *Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Coleção tópicos).

DUPOND, Pascal. *Vocabulário de Merleau-Ponty*. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: WMFMartins Fontes, 2010. (Coleção vocabulário dos filósofos).

MATTHEWS, Eric. *Compreender Merleau-Ponty*. Tradução de Marcus Penchel. Petrópolis: Vozes, 2010. (Série Compreender).

MEREAU-PONTY, Maurice. *A Estrutura do Comportamento*. Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Coleção Tópicos).

_____. *A Fenomenologia da Percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Editora WMFMartins Fontes, 2011. – (Coleção Biblioteca do Pensamento Moderno).

_____. *O visível e o invisível*. Tradução José Arthur Gionotti e Armando Mora. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MOURA, Alex de Campos. *Liberdade e situação em Merleau-Ponty: uma perspectiva ontológica*. São Paulo: Humanitas, 2010.

SOMBRA, José de Carvalho. *A subjetividade corpórea*. A naturalização da subjetividade na filosofia de Merleau-Ponty. São Paulo: UNESP, 2006.